



## Apresentação

Nesta edição de *O Eixo e a Roda*, dá-se continuidade ao dossiê “Olhares Contemporâneos sobre Guimarães Rosa”, iniciado no número anterior. Apesar da enorme extensão da fortuna crítica rosiana, a obra do autor não cessou de intrigar estudiosos e artistas, e continua sendo abordada das mais diversas formas e pelos mais variados vieses e perspectivas. É o que demonstra o grande número de textos de qualidade que foram submetidos ao dossiê, o que nos levou a dividi-lo em dois números.

Iniciamos este segundo volume apresentando estudos que colocam em foco, sob diferentes perspectivas, estórias diversas de Guimarães Rosa.

Renata Santos Rente, em “O ‘criticismo de gêneros’ na poética de Guimarães Rosa”, discute como em *Tutameia* realiza-se uma “teorização do romanesco como gênero autocrítico”. Colocando em foco, principalmente, os prefácios das “terceiras estórias” rosianas e o conto “Desenredo”, a autora demonstra como a utilização de formas e gêneros diversos na elaboração dos textos do livro se dá de maneira parodística, o que imprime a eles novos sentidos e funções. O livro desse modo construído encenaria “aquilo que, segundo Bakhtin, seria a característica do romanesco enquanto gênero: o ‘criticismo’.”

Também interessado na investigação das “elaborações poético ficcionais” rosianas, Rondinely Gomes Medeiros, em “Refazer estórico: a elaboração poética como protagonista em duas novelas de *Corpo de baile*”, estuda as relações entre a subjetividade das personagens de “O recado do morro” e “Uma estória de amor” e a irrupção de casos, canções e poemas intercalados nessas estórias. Na visão do autor do estudo, existiria uma “incidência incontornável dessas elaborações poético-ficcionais sobre o desfecho dos contos.”

A esses trabalhos, segue-se “Entre o pródigo e o malandro: um estudo de personagem em ‘A volta do marido pródigo’, de Guimarães

Rosa”, onde Rosanne Bezerra de Araújo e Wallyson Rodrigues de Souza tentam interpretar a figura de Eulálio de Souza Salãthiel, protagonista do conto “A volta do marido pródigo”, de *Sagarana*, a partir de dois arquétipos representados, por um lado, pelo filho pródigo de origem bíblica; e, por outro, pelo personagem do malandro brasileiro, estudado por Antonio Candido e Roberto Schwarz. Uma comparação que, como mostra o artigo, não leva a encaixar perfeitamente o personagem de Eulálio/Lalino em nenhuma das duas categorias, ressaltando a originalidade do tratamento rosiano dessa figura ambivalente, marcada por uma “identidade escorregadia”, que a leva a ultrapassar também as categorias patológicas da acatolia e da catolite, definidas pelo filósofo romeno Constantin Noica.

Já em “A metamorfose fatal: mistura e alteridade em ‘Meu tio o Iauaretê’, de João Guimarães Rosa”, André Luis Rodrigues propõe uma leitura do referido conto que vê na eliminação do onceiro-onça no final da estória a impossibilidade da convivência entre branco “civilizado” e mestiço, que se apresenta como “outro radical”. Assim, para o autor do estudo, “a narrativa figuraria, entre outras coisas, o modo como o homem branco, muito melhor aparelhado tecnologicamente do que o nativo, foi responsável pela destruição da cultura indígena”.

Fechando esse bloco de estudos sobre estórias diversas de Guimarães Rosa, coloca-se a interrogação de Camila Marchioro, de natureza filosófica. Partindo da importância da noção de estranhamento (com base em Viktor Shklovsky e Carlo Guinzburg) na poética rosiana, a autora de “‘A Rosa da palavra’: meditação nas *Primeiras estórias*” sugere a presença de uma “provocação meditativa”, que abre o conjunto de contos de Guimarães Rosa a uma reflexão filosófica aproximável de noções do cânone budista.

A esses trabalhos, seguem-se quatro estudos sobre *Grande sertão: veredas*. O primeiro deles, “A travessia de um herói problemático: reverberações filosófico-literárias acerca do pacto demoníaco em *Grande sertão: veredas*”, de autoria de Aryanna dos Santos Oliveira e Rosely de Fátima Silva, parte da consideração de Antonio Candido sobre a ambiguidade imperante no grande romance rosiano para questionar a função e o papel do pacto demoníaco em *Grande sertão: veredas*. O resultado é uma interessante revisitação dos lugares literários nos quais é proposto o mito de Fausto, de Marlowe a Thomas Mann, passando, obviamente, por Goethe e Bulgakov. “Herói problemático”, no sentido

lukacsiano, Riobaldo resumiria em si todas essas experiências poéticas, recolocando-as, todavia, num horizonte metafísico onde a presença ausente de Deus e do Diabo leva a uma reelaboração do mito, pela qual o pacto se torna o resultado de um “deslizamento através da realidade pontuada por e fruto de um questionamento ontológico”.

Colocando o pacto demoníaco de Riobaldo também em lugar de destaque, Daniel Cavalcanti Atroch, em “O diabo encerrado nos causos”, discute as “‘trocas de destino’ ou ‘conversões existenciais’, que se dão no romance de Guimarães Rosa de forma assimétrica: um indivíduo de caráter ou condição social dominante imputa os reveses de sua sina a um subordinado”. O autor discute a questão no que se refere ao pacto entre Davidão e Faustino, uma das narrativas intercaladas do livro, e a vê representada também na transformação das relações entre Riobaldo e Diadorim depois do pacto demoníaco. Parte significativa do estudo é dedicada a demonstrar, justamente, que o acordo com o sobrenatural demarca a “troca de destino” entre os dois personagens.

Seguem-se a esses estudos duas visões de conjunto das complexas dimensões políticas e eróticas de *Grande sertão: veredas* apresentadas a partir de um confronto com lugares comuns da tradição platônica. Em “A República de Riobaldo: metafísica platônica no *Grande sertão*”, Marcela Macedo Diniz Mapurunga e Gabriele Cornelli identificam, na fala de Riobaldo, a caracterização de uma posição especificamente filosófica do narrador, por um lado, e a especulação sobre uma utopia política (o “fazendão de Deus”) comparável à *República* platônica, por outro, permitindo pensar a ideia de compromisso político no discurso rosiano. No ensaio “A batalha de Eros no sertão de Rosa”, Claudicélio Rodrigues da Silva persegue, também a partir do pensamento platônico, as diferentes dimensões do amor em *Grande sertão: veredas*, articulando as preocupações eróticas e filosóficas de Riobaldo em torno de uma reavaliação do pacto também como pacto erótico, marcado pelo fantasma do desejo.

A seguir, apresentamos trabalhos cuja preocupação não é o estudo de obras específicas. No primeiro deles, o foco é a relação da obra de Guimarães Rosa com a tradição literária brasileira. Em “Ressonâncias da tradição: Guimarães Rosa, Mário de Andrade e Simões Lopes Neto”, André Tessaro Pelinser afirma que Rosa não apenas recebe heranças literárias de Mário e Lopes Neto como contribui para renovar a leitura desses autores. Dando especial destaque aos hibridismos existentes entre

linguagem coloquial e erudita em Guimarães Rosa, o estudioso ressalta: “Se, de um lado, o autor recorre à expressividade regional da língua, em moldes similares ao que haviam feito Simões Lopes Neto e depois Mário de Andrade, de outro, aplica um criterioso processo de reelaboração de vocábulos, tendo por base suas raízes etimológicas, de modo a reanimar o máximo possível os significados mais próximos dos originais.” O trabalho retoma ideias sobre o campo literário desenvolvidas por T. S. Eliot e Jorge Luis Borges.

No texto seguinte, “Anastasia e pervivência em João Guimarães Rosa: *vita brevis, ars longa*”, Marcelo Marinho e David Lopes da Silva analisam reflexos existentes entre a vida e a obra de Guimarães Rosa. A ênfase se dá em relação ao tema da morte e da sobrevivência. Segundo os autores: “Ao longo de sua obra e no desvã de suas declarações esparsas, Rosa deixa entrever sua clara consciência de que todos os índices e cifras que se deitam trás de si são os elementos coesos de uma autobiografia”. Ao sugerirem algumas marcas indicativas da profunda noção que Rosa tinha do instante de morte, os autores do ensaio percorrem vasto caminho, passando por vários textos de Guimarães Rosa, como “Conversa de bois”, de *Sagarana*; “A terceira margem do rio” e “Pirlimpisquice”, de *Primeiras histórias*; “Os chapéus transeuntes”, de *Estas histórias*; e *Grande sertão: veredas*. O ensaio desenvolve as concepções de anastasia (ressurreição) e pervivência (continuação da vida independente do tempo), investigando passagens possivelmente autobiográficas da obra rosiana.

As relações interartes também ganham destaque neste volume. Os três textos que apresentamos a seguir trabalham com essas relações: no primeiro caso, com a relação literatura e teatro; no segundo, literatura e cinema; no terceiro, literatura e música.

No ensaio “O sertão de Bia Lessa”, Livia de Sá Baião apresenta-nos uma avaliação da peça *Grande sertão: veredas*, dirigida por Bia Lessa. A autora assinala que, no processo de construção teatral, a artista estabelece cortes na narrativa, mas mantém-se fiel à linguagem e à temporalidade singulares do enredo rosiano: na peça, há, por exemplo, constantes devires entre personagens masculinos, femininos, bichos, plantas, pedras. Segundo a ensaísta, ao levar o romance para o espaço cênico, a diretora traduz o caráter viril, áspero, irascível do texto. “O sertão de Bia Lessa” mostra-nos um estreito diálogo existente entre o pensamento criador de Rosa e o de Lessa: ambos se esforçam para fugir do “lugar comum” e enfrentar o risco da criação inovadora. Desse modo,

o trabalho evidencia a potência artística contemporânea presente nas obras dos dois inventores.

“Narrativas de vários sertões”, de Marília Rothier Cardoso, avalia a obra rosiana como construção poética que busca abrir novas clareiras à fruição do pensamento, longe da hegemônica razão ocidental. Marília analisa a novela “Campo geral”, de *Corpo de Baile*, comparando-a com o filme *Mutum* – que conta com direção de Sandra Kogut e roteiro de Ana Luiza Martins Costa. A ensaísta articula questões relativas ao olhar infantil, à cultura popular e à experiência com a natureza em Guimarães Rosa e Amadou Bâ, escritor malinês. Na parte final do trabalho, a professora aborda ainda o *Diário de Bitita*, livro em que Carolina Maria de Jesus trata de suas memórias de infância e de juventude. O trabalho traz Guimarães Rosa para o contexto contemporâneo, ao mesmo tempo em que associa a linguagem lírica do autor a espaços-tempos mais arcaicos – pautados pelo ritmo da natureza ou pela ordem mística – distantes da dinâmica capitalista atual.

Por fim, apresentamos o ensaio “Cantigas de *Sagarana* na voz de Celso Adolfo”, onde Roniere Menezes analisa o CD *Remanso de rio largo*, de 2018, homenagem do músico mineiro ao primeiro livro rosiano. Os versos que aparecem nas epígrafes ou entremeados às narrativas de *Sagarana* foram coletados e retrabalhados – ou mesmo inventados – por Guimarães Rosa. Celso Adolfo coloca música nessas quadras, cria novos versos, conjuga trechos de peças distintas, dá sua própria versão de algumas estórias, desenvolve intertextualmente motivos e enredos, conforme ressalta Roniere Menezes. O estudioso estabelece comparações entre as quadras populares que figuram em *Sagarana*, temáticas das novelas e as composições do músico. E demonstra como, em *Remanso do rio largo*, a literatura rosiana – rica, com seus ritmos peculiares – ganha timbre, harmonia, melodia e novos compassos ao ser veiculada por meio da voz e da viola do cancionista. O texto vem acompanhado de links para algumas canções.

A resenha de Danielle Corpas sobre a “*Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa”, de Silviano Santiago, fecha o volume. Na importante contribuição aos estudos de *Grande sertão: veredas*, a autora reconhece o caráter “contundente, com passagens especialmente instigantes”, mas não deixa de apontar para questões problemáticas na leitura do ilustre crítico mineiro. Em primeiro lugar, o descaso em relação a toda uma vertente hermenêutica

que, a partir sobretudo da década de 1990, tem tentado recolocar a obra-prima de Rosa dentro de uma perspectiva ideológica e histórico-social que não diminui o valor do texto, mas, pelo contrário, contribui para a inserção do escritor no rol dos grandes “intérpretes do Brasil”. Em segundo lugar, o convite à desconstrução da obra, baseado na recusa de qualquer “normalização” do Monstro – como Silviano várias vezes define o livro de Rosa –, corre o risco de acabar numa tautologia sem saída, onde a categoria da “genialidade” e da “exceção” funciona como parâmetro interpretativo fundamental, remetendo apenas para si mesmo e impedindo qualquer leitura mais atenta do contexto crítico e histórico-literário no qual a obra se inclui.

Claudia Campos Soares

Roniere Menezes

Clara Rowland

Ettore Finazzi-Agró